

**DISCURSOS SOBRE EDUCAÇÃO:
AS LIÇÕES DE UM ESPECIALISTA MIDIÁTICO**

Michel Carvalho da Silva¹

Resumo:

Este artigo analisa a produção de sentidos dos textos do economista Gustavo Ioschpe, publicados na revista Veja, no período entre fevereiro e outubro de 2011. O enunciador faz uso de conceitos do campo da administração para sustentar suas teses sobre como melhorar a educação no país. Por meios de operações discursivas, verifica-se que o colunista procura influenciar o debate público sobre o tema, propondo lições e julgando os discursos que dominam as discussões sobre o universo educacional. A análise permite identificar cinco enunciados recorrentes nas colunas do economista que revelam sua orientação político-ideológica.

Palavras-chave: Discurso. Linguagem. Comunicação. Educação

Introdução

Como uma importante instância socializadora, a mídia tem potencial de instrumentalizar a agenda social, selecionando pautas que serão objeto de discussão na esfera pública e também conferindo autoridade aos que terão direito à última palavra sobre determinados assuntos. Quando pensamos em educação, é possível observar que certos discursos consagrados pela mídia podem interferir ou influenciar iniciativas de dirigentes escolares e agentes de governo.

Nesta análise, que pretende refletir sobre as operações discursivas utilizadas pelo enunciador, o corpus será formado por nove artigos do economista Gustavo Ioschpe,

¹Jornalista e mestrando do PPGCOM da ECA/USP na linha de pesquisa Comunicação e Educação. E-mail: michelcarvalho@usp.br

publicados entre fevereiro e outubro de 2011 pela revista *Veja* (conforme tabela 1). O autor, que escreve mensalmente sobre educação para a revista, é o que podemos identificar como “especialista midiático”, tamanha a sua exposição nos meios de comunicação quando o assunto é o universo educacional.

A escolha dos textos do colunista reside no fato de que, além de escrever para a *Veja*, Ioschpe participou da série especial de reportagens *Blitz Educação*, exibida no *Jornal Nacional*, da Rede Globo, em maio de 2011. Nela, ele visitava escolas públicas de ensino básico, escolhidas de acordo com o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) a fim de traçar um cenário do ensino público brasileiro. Autor do livro *A ignorância custa um mundo: o valor da educação no desenvolvimento do Brasil*, o especialista também já publicou artigos em jornais de circulação nacional, além de ser fonte recorrente em programas de TV.

Os enunciados produzidos por Ioschpe se comportam como “lições” de como transformar a realidade educacional de nosso país. O especialista ao recorrer a explicações econométricas, defende uma visão neoliberal da educação, em que educar se destina exclusivamente a fornecer os conhecimentos necessários para manutenção e expansão do capital, se contrapondo à concepção mais filosófica e humanística do ensino.

Tabela 1 – Relação de colunas analisadas

Data	Título	Páginas	Edição N°
16 fev.	Como os pais podem ajudar na aprendizagem dos filhos	94-95	2204
16 mar.	Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?	106-107	2208
13 abr.	Hora de peitar os sindicatos	104-105	2212
11 mai.	O que o Brasil quer ser quando crescer?	118-119	2216
03 jun.	Pra pobre analfabeto... tae kwon do!	88-89	2220
13 jul.	Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social	108-109	2225

10 ago.	A tensa relação entre famílias e escolas	116-117	2229
14 set.	Você acha que as escolas particulares brasileiras são boas?	96-97	2234
12 out.	O rombo da educação é o cabide de empregos de 46 bilhões de reais	116-117	2238

Com o objetivo de sistematizar a identificação dos enunciados que constituem o discurso do enunciador, cuja fala atribui-se ao colunista, resolvemos classificá-los em cinco categorias: migração de conceitos, “demonização” dos profissionais de educação, comparação com outros países, pesquisas como retórica e julgamento do pensamento pedagógico.

Migração de conceitos

Ioschpe utiliza termos originários da administração e do mundo dos negócios para sustentar suas teses em relação à educação. No texto *Pra pobre analfabeto... tae kwon do!*, o especialista apresenta o discurso redentor da gestão “[...] assim como em qualquer organização humana, por trás dos talentos individuais é preciso haver uma gestão que oriente os esforços e dê um sentido ao todo. Nas escolas, é o diretor”.

Em *O que o Brasil quer ser quando crescer?*, a educação “[...] não é percebida como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento, mas como um fim em si mesmo, como um direito do cidadão e ponto”. A expressão “ferramenta estratégica”, muito comum no jargão dos administradores, carrega semanticamente um caráter instrumental, em que o ensino é importante à medida que desenvolve competências e habilidades, de utilidade prática para a dinâmica da economia, relativizando a dimensão social do processo educativo.

Para construir sua argumentação, Ioschpe chega a comparar a gestão das escolas públicas com a das empresas privadas, como no texto *Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?*:

Em qualquer organização da iniciativa privada, por exemplo, há sempre dezenas de projetos com retorno positivo que podem ser perseguidos, mas as organizações exitosas implementam apenas um número muito pequeno dessas oportunidades. As escolhas precisam ser feitas, por uma questão de estratégia e foco. Nem sempre há tempo e/ou recursos

humanos suficientes para fazer tudo – e tudo benfeito. As organizações públicas e educacionais têm as mesmas limitações que qualquer organização humana, mas, no Brasil, acham que podem (e devem) fazer tudo ao mesmo tempo, e que conseguirão fazer tudo bem. (Veja, Nº. 2208, 16 mar. 2011, p. 107)

Observamos que o colunista ao estabelecer esse tipo de paralelo, analisa a educação simplesmente sob a lógica da racionalização corporativa, não enxergando as diferenças conceituais e estruturantes entre as empresas privadas e as instituições públicas.

Em *Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social*, o enunciador recorre a uma das máximas do pensamento corporativo, que, em detrimento do processo em si, supervaloriza-se os resultados. “Essa visão é caudatária de um mal que acomete grande parte dos nossos compatriotas: o de achar que o esforço importa mais que o resultado [...] o esforço é absolutamente irrelevante, só o que importa é o resultado”.

Ainda sobre teses do mundo dos negócios aplicadas à educação, Ioschpe demonstra no texto *Você acha que as escolas particulares brasileiras são boas?*, o que seria a política de recursos humanos ideal para as escolas. “A escola particular ainda tem uma certa vantagem por poder contratar os melhores, pagar a cada um de acordo com o seu desempenho, demitir os piores e impor métodos e cobranças”.

“Demonização” dos profissionais de educação

O colunista da revista *Veja* recorrentemente critica os profissionais de educação, culpando-os pela má qualidade no ensino brasileiro. Em *Hora de peitar os sindicatos*, questiona-se o discurso que, segundo ele, predomina no debate público sobre educação no Brasil. “Se você tem frequentado a imprensa brasileira nas últimas décadas, sua visão sobre educação será provavelmente idêntica à dos sindicatos de professores e trabalhadores em educação”. Ioschpe entende que por serem pouco contestadas, as posições defendidas pelas entidades do professorado formam a mentalidade coletiva sobre educação, o que dificulta a contestação desse raciocínio.

Para o enunciador, existe uma dicotomia entre os interesses dos sindicatos de professores e os da sociedade em geral. Segundo ele, a opinião pública incorporou a tese de

que se é bom para o professor é, necessariamente, bom para o aluno, o que para o especialista, não é verdade:

Cada vez mais a pesquisa demonstra que aquilo que é bom para o aluno na verdade faz com que o professor tenha de trabalhar mais: passar mais tempo de casa, mais testes, ocupar de forma mais criativa o tempo de sala de aula, aprofundar-se no assunto que leciona. E aquilo que é bom para o professor — aulas mais curtas, maior salário, mais férias, maior estabilidade no emprego, maior liberdade para montar seu plano de aulas e para faltar ao trabalho quando for necessário — é irrelevante ou até maléfico para o aprendizado dos alunos (Veja, ed. 2212, 13 abr. 2011, p.104)

Em *Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social*, o colunista afirma que o professor por ter optado livremente por esta carreira não tem motivo para reivindicações, além do fato de que, para Ioschpe, “o bom professor (assim como o diretor e os demais funcionários) é uma ferramenta - importantíssima - para o aprendizado. Mas ele é um meio, não um fim em si”. Essa ideia reduz o docente a um mero instrumento do projeto pedagógico, revelando uma visão tecnicista que não considera a centralidade desse profissional no processo de ensino-aprendizagem.

Para o colunista, muitos educadores são ativistas sociais, no sentido militante, pressupondo uma determinada orientação partidária. No texto *A tensa relação entre famílias e escolas*, ele argumenta que o objetivo maior desses profissionais é mudar o mundo, tendo os alunos apenas como um veículo. “Os professores não podem salvar o mundo. Primeiro porque ninguém lhes outorgou essa incumbência. E segundo porque, mesmo que quisessem, não conseguiriam”. O enunciado revela ceticismo na transformação social por meio da educação, além de reforçar a ideia de professor como aquele que transmite saberes disciplinares.

Comparação com outros países

Nessa categoria, elencamos enunciações que empregam argumentos baseados em comparações com outros países. A experiência internacional é utilizada como retórica por Ioschpe para criticar a realidade da educação no Brasil. Na coluna *Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?*, o enunciatador mostra que exemplos vindos de

outras nações comprovam que é perfeitamente viável alfabetizar crianças que não passaram pela pré-escola, já na 1ª série.

A China é um dos países mais mencionados por Ioschpe como referência internacional em termos de avanços educacionais. No texto *O que o Brasil quer ser quando crescer?*, o colunista comenta que “a educação chinesa é rígida, tradicionalista, competitiva”. Já em *Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social*, o país asiático é citado como exemplo para contrariar a ideia, segundo ele, de que não pode haver educação de alto nível em cenário de pobreza. O enunciador comenta que segundo dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), 75% dos alunos de baixa da China têm performance alta, enquanto na média dos países da organização esse número é de 31%, e no Brasil só 22%.

Em *O rombo da educação é o cabide de empregos de 46 bilhões de reais*, a comparação é feita em relação aos países desenvolvidos no que se refere a gastos com os profissionais de educação.

[...] se o Brasil tivesse a mesma relação professor/funcionário dos países desenvolvidos, haveria 706000 funcionários públicos no setor, em vez dos 2,4 milhões que temos. Como é difícil imaginar que precisemos de mais funcionários que as bem-sucedidas escolas dos países desenvolvidos, isso faz com que tenhamos 1,7 milhão de pessoas excedentes no sistema educacional, recebendo todo mês salários que vêm do nosso bolso. (Veja, ed. 2238, 12 out. 2011, p.116)

A comparação com essas nações prossegue na coluna *Você acha que as escolas particulares brasileiras são boas?*. Ioschpe ressalta que se compararmos o desempenho dos 10% mais ricos do Brasil com os dos países desenvolvidos, a diferença em termos de escolaridade será equivalente a quase um ano, o que significaria a perda de empregos para estrangeiros. “Se seu filho for despreparado, vai perder o emprego para um indiano, australiano ou chinês. Você talvez sinta pena dos alunos das escolas públicas, mas os chineses e finlandeses sentem pena de você”.

O enunciador ainda demonstra um sentimento de inferioridade, ao comparar os autores lidos entre brasileiros e indianos. “Meus colegas indianos haviam lido Shakespeare e Dante para a escola. Na minha, lemos Lima Barreto e Adolfo Caminha”. Nessa enunciação, Ioschpe

julga a literatura estrangeira mais importante do que a brasileira para a formação escolar do estudante.

Pesquisas como retórica

A fim de conferir credibilidade e reforçar a verossimilhança de seus argumentos, Ioschpe utiliza vários estudos realizados por diferentes instituições. Na coluna *Como os pais podem ajudar na aprendizagem dos filhos*, o enunciador menciona pesquisas que estudam a relação pais e filhos:

A pesquisa empírica, ainda que esteja longe de poder prescrever um mapa completo de tudo aquilo que os pais podem fazer para que seus filhos cheguem a Harvard, já identifica uma série de fatores importantes (e outros irrelevantes) para o sucesso acadêmico das crianças. Começamos pelo início. Ou, aliás, antes dele: na escolha do (a) parceiro. As pesquisas revelam que o fator mais importante para o aprendizado das crianças é o nível educacional de seus pais. (Veja, ed. 2204, 16 fev. 2011, p.94)

Ainda nesta coluna, Ioschpe comenta sobre outras pesquisas que verificam como os pais podem contribuir com o ensino dos filhos. “A quantidade de livros que o aluno tem em casa é apontada, em diversos estudos, como uma das mais importantes variáveis explicativas para seu desempenho [...]”. O colunista também recorre a levantamentos que relativizam determinadas máximas da educação, “[...] de quatorze estudos analisando o assunto, só em metade se viu relação positiva entre autoestima e aprendizado”.

Em alguns enunciados, Ioschpe acaba supervalorizando o número de pesquisas que dispõe para sustentar seus argumentos. Um exemplo disso ocorre na coluna *O rombo da educação é o cabide de empregos de 46 bilhões de reais*. “Tenho um verdadeiro arsenal de dados estatísticos sobre a educação brasileira e internacional. Procurei em todos, inclusive em algumas sinopses estatísticas da educação básica, que são arquivos com mais de 200 planilhas [...]”. Observamos que o enunciador constrói a imagem de um pesquisador empenhado que recorre ao maior número possível de estatísticas para orientar seu pensamento.

Na coluna *Hora de peitar dos sindicatos*, o enunciador menciona a pesquisa de um economista de Harvard, que verificou os motivos da queda da qualidade das pessoas que optaram pela carreira do professor nos EUA entre 1961 e 1997. O curioso é que o responsável

pelo estudo não é citado nominalmente. Em outro trecho, o colunista cita um levantamento realizado por Ludger Wossmann, que comparou dados de 260 mil alunos em 39 países para verificar a relação entre sindicato e qualidade de ensino. Neste caso, o que chama a atenção é a ausência de informações a respeito de Wossmann, como área de atuação ou instituição a qual está ligado.

O autor também recorre a pesquisas desenvolvidas por ele próprio como consultor. Em *O que o Brasil quer ser quando crescer?*, o colunista menciona um estudo que fez para o MEC a fim de analisar as nações que tiveram grandes avanços na área. “Uma das conclusões do estudo foi que, nos países em que os saltos educacionais acompanharam saltos de desenvolvimento, a modelagem do sistema educacional estava profundamente atrelada ao projeto estratégico da nação”. No texto, nota-se o uso da reincidência como estratégia retórica, ao reafirmar a crítica à falta de um projeto nacional.

Julgamento do pensamento pedagógico

É comum verificar nas colunas de Ioschpe enunciados que coloquem o discurso acadêmico e o das entidades ligadas ao professorado em xeque. No texto *Pra pobre analfabeto... tae kwon do!*, o colunista afirma que “Nas escolas ruins, há certa frouxidão sobre aquilo que deve ser ensinado e como. Os diretores invocando a ‘democratização’ ou o ‘processo coletivo’ da ‘construção do saber’, deixam os professores à vontade para que definam o que é melhor para seus alunos”. O emprego das aspas para se referir às ideias de “democratização”, “processo coletivo” e “construção do saber” demonstra a existência de outras vozes no interior desses discursos. Percebe-se que a crítica não é direcionada especificamente para o diretor, mas para a corrente de pensamento que defende essas ideias.

Em *Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social*, Ioschpe contesta o que o MEC chama de qualidade social da educação, levando o leitor a concluir que esse conceito não passa de um desculpa para o fracasso na aprendizagem do estudante. “Acho criminoso contrapor essa 'qualidade social' ao aprendizado ou usá-la como substituição deste, porque sob nenhuma condição o ignorante e despreparado poderá triunfar no mundo real”. O léxico “criminoso” aciona significados negativos no enunciatário por ter seu significado associado à práticas ilegais.

Em *Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?*, o enunciador avalia que a iniciativa de expandir a pré-escola não é a mais correta. Para Ioschpe, essa política de universalização da educação infantil está sendo vendida à opinião pública como solução para todas as deficiências do sistema educacional, particularmente as relacionadas à alfabetização. No entanto, o enunciador considera um erro de prioridade:

O que a experiência internacional mostra é ser perfeitamente viável – aliás, é normal – alfabetizar crianças que não passaram pela pré-escola, já na 1ª série. Os ganhos para o país com a eliminação do analfabetismo serão muito maiores do que aqueles oriundos da universalização da pré-escola. Essa é a batalha que temos à nossa frente. Admitir distrações é quase cometer crime de guerra. (Veja, ed. 2208, 16 mar. 2011, p.107)

Na busca de deslegitimar o discurso político-ideológico presente no campo da educação, o enunciador evoca estereótipos ligados a esse grupo, como em *Você acha que as escolas particulares brasileiras são boas?*, em que ele diz: “os radicais da esquerda, que praguejam contra a ‘mercantilização do conhecimento’ e pregam a estatização do ensino, devem saber que as escolas privadas representam um ganho de aprendizagem[...]”. Mais adiante, o colunista defende o sistema misto (público e particular) e afirma que ele deve ser protegido contra os ideólogos e suas teses de emancipação do sujeito.

O discurso midiático e a produção de sentidos

As palavras postas em circulação nos/ pelos meios de comunicação velam e desvelam, constituem e restringem (Citelli, 2006). Dessa maneira, a linguagem verbal é a base para a análise de uma ideologia. Bakhtin lembra que todas as propriedades da palavra fazem dela o objeto fundamental do estudo de um determinado pensamento.

Ao investigarmos a tentativa de construção de uma nova mentalidade no campo da educação, devemos pensar que não há enunciados isolados. “Um enunciado pressupõe enunciados que o procederam e que o sucederão; ele nunca é o primeiro e nem o último; ele é somente uma ligação no interior de uma cadeia, não podendo ser estudado fora dela” (1997, p. 134).

Os discursos presentes nos textos de Gustavo Ioschpe fazem parte de uma cadeia ideológica ligada a um pensamento neoliberal. Para fazer tal inferência, é importante

considerar que Ioschpe, além de ser colunista da Veja, é articulista do Instituto Millenium², entidade que tem como mantenedores, entre outros, os conglomerados de comunicação Abril e Globo. A proximidade do autor com certos segmentos políticos e midiáticos da sociedade brasileira ajuda-nos a entender o seu “lugar de fala”.

Bourdieu (1996) sustenta que todos os discursos destinados a se tornarem ‘autoridade’, fontes de ‘referência obrigatória’, e a serem citados como exemplos de ‘uso correto’, conferem àqueles que os exercem um poder sobre a língua e, por essa via, sobre os simples usuários da língua bem como sobre seu repertório. De fato, existe uma relação hegemônica em termos de capital lingüístico. Quem o possui tem a fala, o que se aproxima do conceito de ordem do discurso de Foucault, que chama a atenção para as condições de produção de enunciados “[...] segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (2008, p. 30).

Os enunciados fazem parte de uma formação discursiva e remetem a uma mesma formação ideológica, determinando “o que pode e deve ser dito” pelo enunciador a partir da posição social, história e ideológica que ele ocupa. No caso da coluna de Ioschpe, é importante levarmos em conta que ela é publicada na Veja, revista semanal de informação com maior tiragem do país. A publicação da Editora Abril, voltada especialmente para as classes A e B, possui um leitor específico, identificado com determinados setores de nossa sociedade.

Barzotto (1998) considera que a mídia, ao selecionar certas falas e textos, pode estar tomando uma posição favorável às teses ali presentes. No caso dos artigos de Gustavo Ioschpe, a Veja, como suporte e espaço de poder, lhe confere um espaço privilegiado para divulgar seu pensamento, que, de certa forma, representa ou se aproxima da linha editorial da publicação.

Os textos do colunista tentam convencer a opinião pública sobre a importância em pensar a educação sob a lógica da economia, para isso, é realizado um trabalho linguístico a

² Mais informações sobre o instituto em <http://www.imil.org.br/institucional/quem-somos/>

fim de cristalizar e naturalizar esses conceitos junto aos membros da comunidade linguística formada por dirigentes de ensino e governantes.

O falar comum pode ser definido como o conjunto de técnicas sociais as quais o indivíduo recorre ao comunicar e sobre as quais se apoiam todos os desenvolvimentos linguísticos especializados. Um exemplo desses recursos nesta análise é a construção de títulos interrogativos (*O que o Brasil quer ser quando crescer?*), prescritivos (*Como os pais podem ajudar na aprendizagem dos filhos*) e que conclamam os leitores (*Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social*).

Fazendo uso de estereótipos associados aos educadores e clichês sobre a “eterna” crise no ensino do país, Ioschpe se notabiliza por seu discurso “inovador”, que pretende preencher lacunas, substituindo a linguagem de viés acadêmico, que domina as discussões sobre educação, pelo discurso “redentor” do mundo dos negócios, marcado pela panaceia da gestão.

Considerações Finais

Por meio de recursos discursivos, observamos que o colunista da Veja, pretende se constituir como autoridade no que se refere à educação. Ao fazer diagnósticos a respeito do cenário atual e propor “lições” para melhorar a qualidade de ensino no país, entendemos que o objetivo do enunciador é buscar adesão social, o que fica evidenciado pela utilização de imperativos, tentando influenciar o debate sobre políticas públicas de educação, como demonstrado na proposta, endossada por alguns deputados, de obrigar a rede pública de ensino a informar o Ideb na frente das escolas, publicada na edição 2225.

Ioschpe desqualifica o pensamento filosófico e pedagógico que perpassa o campo pedagógico, ressaltando que hoje a educação é tratada de uma forma desconectada do país. Assim, verifica-se a existência de um trabalho linguístico realizado pelo enunciador, que sugere a revisão daquilo que é ou não adequado em relação à ideia de educação de qualidade sob o ponto de vista neoliberal.

A análise nos permite observar que a tese de que o objetivo educacional deve estar atrelado ao interesse econômico-estratégico é sustentada por pesquisas realizadas por instituições estrangeiras ou simplesmente por comparações com outros países, como a China.

O estabelecimento dessa relação entre educação e economia também pode ser notada pela escolha lexical de termos originários da administração por parte do enunciador, como “gestão”, “foco” e “ferramenta estratégica”.

É possível pensar que o discurso de Ioschpe seja reproduzido e atinja ressonância social, uma vez que muitos leitores estabelecem uma relação de comunhão e compartilham dos posicionamentos defendidos pela imprensa. Destarte, consideramos que a mídia atua como instância argumentadora, capaz de potencializar e legitimar a fala do colunista quando o assunto se trata de educação de resultados.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1989.

BARZOTTO, V. Heitor. **Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso - um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)**. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.

CITELLI, A. Odair. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

IOSCHPE, G. **A ignorância custa um mundo: o valor da educação no desenvolvimento do Brasil**. São Paulo: Francis, 2004.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ROSSI-LANDI, F. **A linguagem como trabalho e como mercado: uma teoria da produção e da alienação linguísticas**. São Paulo: Difel, 1985.